

# ENCONTRO COM GILLON

GRAÇA BUENO



---

Quem hoje não reconhece a poltrona Jangada na capa deste livro?

Devemos a concepção dessa poltrona “relax”,<sup>1</sup> e do seu design escultural, ao olhar estrangeiro e sensível de Jean Gillon perante este país tropical encantador, que o inspirava a criar peças com características genuinamente brasileiras. Foi ao avistar uma jangada no mar da Bahia, na década de 1960, que Gillon teve a visão da criação desse ícone para o design nacional moderno. Com a inovação do uso de um encordoamento semelhante à rede de pesca na sua base de apoio – utilizado também em outras de suas peças –, ele fazia uma reverência ao pescador; com as almofadas soltas e modeladas, alcançava o conforto ideal. Gillon já vinha se aventurando em mercados estrangeiros, e assim sua Jangada partiu em viagem em 1968, como na poética canção de Caymmi:

*Minha jangada vai sair pro mar  
Vou trabalhar, meu bem-querer  
Se Deus quiser, quando eu voltar do mar  
Um peixe bom eu vou trazer [...]²*

1 Expressão usada em relatos por Jean Gillon sobre o conforto relaxante de sua poltrona Jangada.

2 Canção composta pelo baiano Dorival Caymmi (1914-2008), lançada em 1957, chamada de “Suíte do pescador” e também conhecida como “Canção da partida”.

Vários “peixes” foram trazidos e seu trabalho foi recompensado com o reconhecimento internacional. A Jangada, produzida inicialmente em jacarandá pela WoodArt e em seguida executada também em outras madeiras pela Italma, foi exportada até 1980. Em 1991, com nova edição pela Probel, que voltou a exportá-la na década de 1990, conquistou o 1º Prêmio Movesp de Design de Mobiliário. Em 2015, celebramos a volta da Jangada com sua reedição pela Passado Composto Século XX, autorizada pela família Gillon, e o sucesso da desejada poltrona continua.

Mas a Jangada e sua história são só a ponta mais visível de um novelo longo, surpreendente e cheio de ramificações que é o percurso criativo de Gillon. Ele foi um realizador inquieto e sua sede de viver e de sonhar era imensa, como contou em seu livro não publicado de memórias *Uma vida não basta*.<sup>3</sup> Felizmente, por sermos eternos, nossos sonhos podem se realizar em outro tempo. E assim, cumprindo o meu compromisso de resgate da memória de sua obra, em reconhecimento ao seu talento artístico e à sua importante contribuição ao design do mobiliário moderno brasileiro, tenho o orgulho de colaborar para a realização de alguns de seus desejos, como o da publicação deste livro pela escolhida Editora Olhares, com o patrocínio da Soroca-

3 GILLON, Jean. *Uma vida não basta*. São Paulo, 2007. Livro de memórias inédito.

Na foto à esquerda, Gillon e Edith no jardim de sua casa-ateliê, em Embu das Artes (SP), 1977. Nas outras fotos, ambientes da casa, 2009.

In the far left photo, Gillon and Edith in the garden of their studio-home in Embu das Artes (SP), 1977. In the other photographs, some of the house's interiors 2009.



ba Refrescos. Como responsável pela organização da obra, julguei primordial contar com a contribuição do conhecimento dos autores convidados Enock Sacramento, crítico de arte e amigo de Jean Gillon, e Giancarlo Latorraca, arquiteto e diretor técnico do Museu da Casa Brasileira.

“A vida é feita de pequenos segmentos que se unem, que se entrelaçam, formando trilhas e caminhos. É uma urdidura e uma trama de fios invisíveis, traçando para cada um de nós caminhos diferentes.”<sup>4</sup> A trama dos fios de uma tapeçaria criada e assinada “Gillon”, exposta em nossa galeria, me levou ao emocionante encontro com a família do autor em 2008. Suas filhas Gabriela e Laura ainda sentiam com pesar as perdas de sua mãe em 2000 e do seu pai em 2007, e me confiaram as tarefas de documentar sua casa-ateliê em Embu das Artes e seu apartamento em São Paulo, ainda intactos, e catalogar os arquivos históricos e profissionais do pai, juntamente com suas obras artísticas e seu mobiliário de época.

Comecei, então, a minha trilha de descobertas sobre a história de Jean Gillon, nascido em 1919 na Romênia, cujo espírito livre e rebelde em relação à tradição familiar de agricultores lapidou sua forte vocação artística,

transitando por muitos países com uma trajetória tumultuada pela luta da sobrevivência e, ao mesmo tempo, animada por conquistas e realizações. A maioria desses acontecimentos está sucintamente descrita na cronologia a seguir, tendo como base o amplo acervo de documentos, relatos, entrevistas e iconografias deixado por Gillon, mas também outras publicações e aprofundadas pesquisas investigativas realizadas com a minha expertise. Mas, neste caso, o que em geral são exercícios de checagem e dedução tornou-se uma experiência visceral, um encontro literalmente insólito com alguém com quem, sem conhecer pessoalmente, passei a ter uma profunda intimidade a partir de seus relatos, de suas opções, de seu estilo e de suas experiências.

Quando cheguei à casa-ateliê de Gillon com suas filhas, adentrei no mundo do seu refúgio do cotidiano, de suas sensações, de sua inspiração pela natureza, ouvindo os pássaros, sentindo o seu amor por esta terra que ele semeou, em que plantou árvores e fez florescer sua coleção de orquídeas, à beira de nascentes límpidas que ele ajudou a proteger, captando o seu prazer de cozinhar em família e a alegria de receber os amigos e clientes com todo o requinte à mesa ou em traje de banho fazendo churrasco à beira da piscina.

Gillon era grato ao amigo e artista Assis do Embu (1931-2006) por ter encontrado o terreno do seu “can-

<sup>4</sup> Texto de Jean Gillon de 1985 publicado no catálogo da exposição “Tendências”, realizada no Masp.



Apartamento de Gillon e Edith na av. Rebouças, 1354, apartamento 131, São Paulo, em 2009. À direita, o mesmo apartamento, c. 1983.

Gillon's and Edith's apartment at 1354 Rebouças Avenue, Apt. 131, in São Paulo, in 2009. Opposite, far right, the same apartment, c. 1983.

tinho”<sup>5</sup> por volta de 1969. Quando descobriu o local, achou por ali mesmo uma caixa de sapatos e nela desenhrou rapidamente a sua futura casa. Desde a infância, ele era ótimo desenhista e, sendo bem-humorado, tornou-se caricaturista aos 13 anos. Amante do teatro, especializou-se em cenografia; multidisciplinar, estudou Belas-Artes, Artes e Ofícios, Desenho Industrial e Arquitetura. Residente em Israel a partir de 1944, foi reconhecido como escultor, gravurista, cenógrafo e arquiteto-decorador. Em 1956, já com uma carreira de profissional experiente, foi atraído pelo moderno e promissor país do futuro; decidiu emigrar para o Brasil com sua esposa Edith, formando uma família brasileira com o nascimento de suas filhas Gabriela e Laura, em São Paulo, e se naturalizando por fim.

Ao visitar o seu apartamento em São Paulo, senti o aconchego do seu lar familiar e da sua base de apoio, chefiada por Edith, sua companheira de vida, que mantinha aquele porto seguro enquanto Gillon viajava a trabalho pelo mundo. Aliás, Edith chegou a chefiar também os ateliês de cerâmica e de tapeçaria durante o percurso criativo e produtivo do artista nesses setores.

Nas duas residências de Gillon, reunimos para catalogação suas variadas obras artísticas, como: caricaturas;

desenhos de 1945 produzidos em Israel e nus da década de 1950; cenografias e figurinos teatrais em técnica mista sobre papel de 1940 a 1963; cerâmicas esmaltadas de 1958, feitas no ateliê da sua loja Adorno; esculturas figurativas em madeira produzidas nas décadas de 1950 e 1960; esculturas em pedra-sabão dos anos 1970; tapeçarias únicas bordadas artesanalmente e belíssimos estudos de tapeçaria em guache sobre papel, de 1963 a 2001, com temas tropicais, enaltecendo a fauna e a flora brasileiras, carnavalescos, abstratos e geométricos; pinturas com tema geométrico dos anos 1960 e abstratas dos anos 2000.

Suas casas eram ambientadas também com seus protótipos de móveis e, com o meu conhecimento em peças de época, em conjunto com os projetos e documentos do arquivo de Jean Gillon, consegui realizar a identificação e a catalogação da maioria da sua coleção criativa de mobiliário moderno. Ela contém desde os primeiros exemplares concebidos entre 1958 e 1961 para seus projetos de decoração e suas lojas Adorno – em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte – até os principais lançamentos executados pela WoodArt entre 1965 e 1968, incluindo as linhas de utensílios e de móveis em jacarandá Amazonas, Bertiooga, Brasília, Jangada, Módulo, Rio, Rodeio e Saci, além de vários dos modelos executados pela Italma a partir de 1970, como Bahia, Copa e Tijuca, identificados também com

5 GILLON, Jean. “Assis, o Embu nunca te esquecerá!”. *Folha de Embu*, Embu das Artes, 16 de novembro de 2006.





base nos documentos da Schneider + Fichtel<sup>6</sup> cedidos gentilmente por Rolf Schneider em maio de 2021.

Gillon priorizava, nos seus móveis, “três qualidades essenciais: funcionalidade, conforto e beleza”.<sup>7</sup> Unidas a um design de inspiração cultural “*Made in Brazil*”, feito com matéria-prima nobre e exótica para os estrangeiros, essas qualidades conquistaram o exigente mercado de mobiliário internacional, como indica esta manchete de um anúncio de 1968: “Sr. Jean Gillon conhece os tesouros de seu país. E também os utiliza e faz móveis com eles!”.<sup>8</sup>

Mas as descobertas relativas à sua extensa produção de peças de design, seja para o Brasil ou para o exterior, têm sido uma viagem à parte. Como muitos outros designers do período, Gillon teve empresas próprias e colaborações com fábricas, lojas e representantes diversos, adaptando sua produção a cada nova fase, ao mesmo tempo em que buscava novas oportunidades de mercado. Jean Gillon & Cia, Cidam, WoodArt, Italma, Móveis Village e Probel foram algumas dessas marcas, capítulos de sua história sobre os quais buscamos o máximo de conhecimento, muitas vezes adquirido no

encontro com cada peça, realizando sua identificação com expertise e catalogação conforme comprovação por documentos.

Voltando a 1963: “De volta da Europa, Jean Gillon fala sobre decoração” em entrevista concedida à revista *Casa e Jardim*.<sup>9</sup> O viajante e poliglota Gillon conta, além de seus projetos e da sua viagem de pesquisa, da sua paixão pelo teatro com a execução de cenografias, das suas esculturas e da criação dos móveis e objetos. Ao ser questionado sobre como conseguia exercer tantas atividades, respondeu que “nada é cansativo, quando é feito com dedicação”. Nessa mesma época, o comunicativo palestrante e professor Gillon apresentou um curso de decoração no Masp,<sup>10</sup> formado por um conjunto de conferências, assim como uma série de programas similares na *Revista Feminina* do canal 4 de São Paulo, a TV Tupi.<sup>11</sup> Gillon teve dezenas de projetos de decoração publicados na revista *Casa e Jardim* entre 1957 a 1978, ano em que a sua casa no Embu das Artes foi matéria de destaque.<sup>12</sup> Na década de 1960 ele foi ainda um dos responsáveis, pela coluna de decoração em resposta ao leitor, por dezenas de publicações.

6 Empresa representante de Jean Gillon na Alemanha entre 1968 e 1980.

7 Catálogo da WoodArt.

8 Anúncio da loja Breuninger, na Alemanha. *Stuttgarter Zeitung*, Stuttgart, 24 de setembro de 1968. Tradução da autora.

9 “De volta da Europa, Jean Gillon fala sobre decoração”. *Casa e Jardim*, São Paulo, nº 102, julho de 1963, p. 28.

10 Carta de recomendação desse trabalho assinada por Pietro M. Bardi, c. 1967.

11 Carta de recomendação desse trabalho assinada por Cassiano Gábus Mendes, 1967 c.

12 “Convivendo com a natureza e a arte”. *Casa e Jardim*, São Paulo, nº 278, março de 1978, p. 42.



Minha primeira aquisição de uma obra de Gillon em tapeçaria foi simplesmente por paixão; conhecer e compreender seu trajeto artístico e profissional só fizeram crescer a minha admiração por ele e o desejo de divulgar e de resgatar o seu valor histórico. Desde quando conheci os móveis de Gillon, ele se tornou um dos meus designers modernos brasileiros favoritos. Em 2009, decidi realizar pela galeria Passado Composto Século XX, com curadoria de Adélia Borges, a exposição coletiva “Sempre Modernos: Joaquim Tenreiro, Sergio Rodrigues, Jorge Zalszupin e Jean Gillon”. Era a primeira de algumas exposições da galeria sobre o tema e, além de mobiliário e objetos de Gillon, apresentamos algumas de suas criações em tapeçaria.

A partir do encontro com a obra de Gillon, com muito entusiasmo, dei continuidade às minhas pesquisas teóricas e técnicas, me especializando em tapeçarias artísticas modernas brasileiras, me aproximando das famílias de autores e colecionando suas obras, contando com a colaboração de curadores, fazendo a interligação dos artistas nacionais em exposições coletivas e de seus influentes precursores internacionais, como o francês Jean Lurçat (1892-1966), responsável pela renovação artística da tapeçaria europeia, e a polonesa Magdalena Abakanowicz (1930-2017), por sua inovação revolucionária nessa arte. Em viagens de pesquisa e de troca de experiências com experts internacionais,

fui recebida por Xavier Hermel em 2011 na Fondation Lurçat e na Académie des Beaux-Arts, em Paris, e por Marta Kowalewska em 2018 no Museu Central de Têxteis em Lodz, na Polônia. A convite desta, colaborei no livro *Abakanowicz: metamorfizm* com o texto “Magda no Brasil: tecendo histórias”,<sup>13</sup> sobre o impacto das obras de Abakanowicz apresentadas e premiadas com medalha de ouro na VIII Bienal Internacional de São Paulo em 1965 e o contexto do crescimento da tapeçaria artística autenticamente brasileira nessa época.

Incentivado por seu amigo, o artista tapeceiro Genaro de Carvalho (1926-1971), e acompanhando a tendência desse movimento artístico, Gillon sentiu a necessidade de se expressar na tapeçaria e de transpor a sua pintura para a execução pelo artesão, cuja sensibilidade ao interpretar e tecer a magia de um momento criador ele admirava. “O sol, a fauna e a flora desta rica terra levaram-me a um excelente entrosamento”,<sup>14</sup> disse Gillon em declaração sobre sua inspiração ao realizar, tendo as borboletas como tema, a primeira exposição de tapeçarias no Brasil, no espaço A Galeria, em São Paulo, em abril de 1969. A maioria das quase duas centenas de obras que produziu com essa técnica eram planas e

13 BUENO, Maria das Graças. “Magda in Brazil: weaving histories”. In: KOWALEWSKA, Marta. *Abakanowicz: metamorfizm = metamorphosis*. Lodz: Centralne Muzeum Włókiennictwa w Lodzi, 2018.

14 Citação de Jean Gillon em matéria sobre sua exposição de tapeçarias no espaço A Galeria, em São Paulo. Última Hora, São Paulo, 8 de abril de 1969.



Exposições póstumas realizadas pela galeria Passado Composto Século XX. Da esquerda para a direita: “Sempre Modernos” (2009), “Artistas da Tapeçaria Moderna” (2012), “Navegando com Jean Gillon” (2015) e “Arte Tecida II – Design” (2019), esta na SP-Arte.

Posthumous exhibitions at the Passado Composto Século XX gallery. From left to right: *Always Modern* (2009), *Artists of Modern Tapestry* (2012), *Sailing with Jean Gillon* (2015) and *Woven Art II – Design* (2019), the latter as part of the SP-Arte fair.

bordadas em *petit point*, ou ponto à agulha; duas únicas foram executadas em 1978, com sua autorização, em tear manual de alto liço no Atelier Julien Coffinet (1907-1977), na Suíça, e por volta de vinte obras foram concebidas entre 1980 e 2000 com a técnica mista *tufting*, que deixa relevos em evidência. É o caso dos exemplares monumentais encomendados em 1985 pelo antigo hotel Crowne Plaza da rua Frei Caneca, em São Paulo.

O trabalho de Jean Gillon como artista que supervisiona a manufatura de sua obra é citado no livro de Julien Coffinet *Pratique de la tapisserie*: “Um artista brasileiro contemporâneo, Jean Gillon, faz executar seus estudos em tapeçaria ao ponto à agulha, dentro de um ateliê que ele mesmo dirige. Tem também a intenção de adicionar a essa técnica a do tear de alto liço”.<sup>15</sup>

A dedicação de Gillon à criação dessas “pinturas em lã”<sup>16</sup> foi produtiva, longa e vitoriosa, com medalhas de ouro, com vendas e encomendas especiais. Com a participação, entre 1964 e 2001, em quase uma centena de exposições em galerias, museus, hotéis e espaços públicos, no Brasil e no exterior, além de ambientações em estandes de feiras e em salões de arte internacionais.

15 COFFINET, Julien. *Pratique de la tapisserie*. Genebra: Tricorne, 1977. p. 40. Tradução da autora.

16 Expressão usada frequentemente por Jean Gillon em referência às suas tapeçarias.

Críticos de arte e jornalistas citaram: “Gillon movimentava-se entre uma demifiguração e uma abstração serena em seus volumes, algumas vezes mais dinâmicos, mas sempre equilibrados, elegantes mesmo, agradáveis ao ambiente”.<sup>17</sup> “Sua tapeçaria não exorbita do plano estrito do decorativo. [...] formas e cores baseadas na luz brasileira são a chave de interesse em torno destes tapetes.”<sup>18</sup> “O ponto alto da exposição no Waldorf Astoria são as tapeçarias – de Jean Gillon. Um mundo de sonhos, rico em cores e com excelente desenho.”<sup>19</sup> “No topo de uma colina onde tem seu ateliê, rodeado pela natureza, nela encontrou a inspiração que serve de tema aos seus trabalhos. Ele usa um abstracionismo enraizado na terra, misturando cores e harmonia surpreendentes.”<sup>20</sup> “A tapeçaria abstrata de Jean Gillon parece irradiar formas e cores vivas, num movimento energético constante.”<sup>21</sup>

Com energia, paixão e empenho, promovi o reencontro da tapeçaria artística de Gillon e de artistas nacionais que estiveram interligados entre 1963 e 1988, realizando

17 MAURÍCIO, Jayme. “Tapeçaria de Gillon”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1970. Anexo, Plásticas, p. 4.

18 AYALA, Waldir. “Dois artistas”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1970. Caderno B, Artes Plásticas, p. 2.

19 Nota sobre a exposição no hotel Waldorf Astoria, em Nova York, Estados Unidos. *The New York Times*, Nova York, 1º de abril de 1973.

20 PRESSER, Décio. “Tapetes de Gillon na Bamerindus”. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 24 de outubro de 1974. Panorama.

21 AQUINO, Flávio de. *Manchete*, Rio de Janeiro, maio de 1984. Artes Plásticas.





do pela galeria Passado Composto Século XX, de 2009 a 2020, exposições coletivas com obras em tapeçaria de Genaro de Carvalho (1926-1971), Roberto Burle Marx (1909-1994), Alfredo Volpi (1896-1988), Jacques Douchez (1921-2012), Norberto Nicola (1930-2007), Rubem Dario (1941-1978), Sylvio Palma (1946-1978), Edmar de Almeida (1944-) e Eva Soban (1950-), além de artistas internacionais como Jean Lurçat, Jagoda Buic (1930-) e Magdalena Abakanowicz. Nesse trajeto contei com a colaboração essencial de curadores como Adélia Borges, Alejandra Muñoz, Antonio Carlos S. Abdalla, Denise Mattar e, em especial, Enock Sacramento na exposição “Navegando com Jean Gillon”<sup>22</sup> em 2015.

A partir de 2009 o nome de Jean Gillon, por mérito e reconhecimento da sua obra, e amparado pelo resgate que temos empreendido, foi inserido postumamente em exposições de design moderno realizadas em instituições e em publicações importantes de catálogos e de livros editados no Brasil e no exterior, como os mencionados na bibliografia.

Em 2016, a exposição “Coleção MCB – Novas Doações” apresentou com destaque no Museu da Casa Brasileira a poltrona Jangada com banquetas em imbuia

de reedição da galeria Passado Composto Século XX, que fez a significativa doação para a instituição. Mais tarde, a aprovação do conjunto da obra de Gillon pelo comitê do MCB culminou na realização em parceria da mostra “Jean Gillon: Artista-Designer”, em junho de 2021. Segundo comenta o diretor técnico e coautor do livro, Giancarlo Latorraca, “é mais um passo do Museu da Casa Brasileira em contribuição à composição do mosaico histórico sobre o campo do design no Brasil”. Executei a curadoria dessa mostra com a equipe técnica do MCB, apresentando mobiliário, objetos e obras artísticas.

Acompanhando um dos registros do fotógrafo Ruy Teixeira para este livro, em maio de 2021 fomos recebidos na Prefeitura de Embu das Artes para documentar uma das últimas obras em tapeçaria de Gillon, doada em 2001 ao município que tanto amou. Seu amigo, o artista e poeta Renato Gonda, que nos acompanhou nessa visita, nos surpreendeu com as deliciosas histórias de convivência com seu vizinho da colina do Embu das Artes, e com a linda poesia “Adieux Edith – Allons Gillon”, que criou em solidariedade ao amigo que estava desconsolado com o falecimento de Edith Gillon em 2000.

O premiado artista e designer Jean Gillon faleceu em 2007 como cidadão brasileiro e ativista ecológico. Em

<sup>22</sup> “Navegando com Jean Gillon”, mostra retrospectiva com mobiliário, objetos e obras realizada em 2015 pela galeria Passado Composto Século XX, com curadoria de Enock Sacramento e Graça Bueno.



Exposição “Jean Gillon: Artista-Designer”, MCB, 2021.

*Jean Gillon: Artist-Designer exhibition, Brazilian House Museum [MCB], 2021.*

1972, ele relatou sobre sua chegada ao Brasil em 1956: “Logo me naturalizei e faço questão absoluta de que me descrevam como brasileiro, pois escolhi esta nacionalidade e com ela é que me identifico, apesar do ligeiro sotaque que não se perde nunca”.<sup>23</sup> “E no transbordamento de suas realizações, fica gravado o nome de Jean Gillon nas páginas da história da imigração no Brasil.”<sup>24</sup> Com sua inspiração, criatividade, originalidade e brasilidade, Gillon representou o Brasil internacionalmente, tendo exportado suas obras para 22 países, e hoje tem um lugar na vasta história da cultura brasileira. Seu exemplo se tornou uma semente que germina, renasce e se eterniza.



23 Declaração na matéria “Jean Gillon: a tapeçaria e o Brasil são seus grandes amores”, por ocasião de sua exposição na Galeria Loggia, no Rio de Janeiro, de maio a junho de 1972. Jornal sem identificação, s.d. Acervo Jean Gillon.

24 *História da imigração no Brasil: as famílias*. São Paulo: Editora Cultura Brasileira, 1978. p. 210.

ADIEUX EDITH – ALLONS GILLON  
Renato Gonda

oCORPOseACABA  
– TCHAUadeusATÉ –  
aFORMAfinda  
mazoAMOR ficaFICAfica

&chegAHORadeNOVO  
agHORA jáÉoJEAN  
– TCHAUadeusATÉ também –  
mazaARTE ficaFICAfica  
seFINCA&seEDIFICA ALÉM  
laVIEestLAIRsontFINIS

...

aARTEéa(p)ARTE Qfica(i)MÓVEL  
AQUAR(t)ELADA&AQUARELADA  
nasTAPEÇARIASdoTEMPO

...

ADIEUX EDITH – ADIEUX GILLON  
adieuxMESamis  
maisLART  
nestpasFINI”<sup>25</sup>

25 GONDA, Renato. “Adieux Edith – Allons Gillon”. Texto visual produzido em 2000, após o falecimento de Edith Gillon. Jean Gillon faleceu em 2007. O texto poético foi finalizado em 2020.